

BARRETO, Lima

* escritor e jornalista.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, então capital do Império, em 13 de maio de 1881, filho de João Henriques de Lima Barreto e de Amália Augusta Pereira de Carvalho. Sua mãe, filha de escravos, tornou-se professora primária e proprietária de uma escola para meninas no bairro carioca de Laranjeiras. Seu pai foi tipógrafo e trabalhou em jornais do Rio de Janeiro e na Imprensa Nacional. Também descendente de escrava, João Henriques era ligado aos liberais do fim do Império, principalmente ao visconde de Ouro Preto, a quem deu o filho por batismo. O tipógrafo, por conta de sua identificação com os liberais, após a proclamação da República sofreu perseguições, vindo a perder o lugar de mestre de composição na Imprensa Nacional.

Lima Barreto teve infância atribulada e repleta de dissabores. Não bastasse o desemprego do pai, e as dificuldades deste em conseguir nova colocação, perdeu a mãe, vítima de tuberculose, quando tinha sete anos. Órfão, com três irmãos mais novos, foi tido por criança dotada, cuja inteligência orçava acima da média dos meninos de sua idade. Recebeu instrução primária na Escola Pública Teresa Pimentel do Amaral, estabelecimento de ensino modesto, para onde seguiam as crianças das classes menos favorecidas que viviam no Centro da cidade do Rio de Janeiro.

Para Francisco de Assis Barbosa, um de seus mais célebres biógrafos, a infância conturbada, a morte prematura da mãe, os eventos relacionados à chegada da República e a perseguição sofrida pelo pai deixaram marcas profundas não só na personalidade de Lima Barreto, como também no conteúdo de sua obra. Segundo o biógrafo, um acontecimento teria marcado profundamente sua infância de menino mulato, órfão e descendente de escravos: a assinatura da Lei Áurea e os festejos da Abolição, no dia em que completou sete anos. Já não se diria o mesmo de outra data simbólica: o 15 de novembro de 1889. Sobre seu significado, o próprio Lima Barreto afirmou, em crônica incluída na obra póstuma *Coisas do reino do Jambon*, que “via-a com desgosto”, acentuando que, com o regime republicano ali inaugurado, o Brasil se tornara “uma vasta comilança”; era “a subida do

partido conservador ao poder, sobretudo da parte mais retrógrada dele, os escravocratas de quatro costados”.

Em 1894, Lima Barreto concluiu o curso secundário no Liceu Popular Niteroiense, internato de propriedade do escocês William Cunditt destinado aos filhos da elite carioca e fluminense. Graças à ajuda do padrinho Afonso Celso (o visconde de Ouro Preto, que retornara do exílio em 1891), pôde ali estudar e conviver com meninos ricos e de condição social diferente da sua: foram seus contemporâneos no Liceu Otávio Kelly, Ribeiro de Almeida, Ricardo Greenhalgh, Américo Ferraz de Castro, entre outros.

Por essa época, seu pai foi nomeado almoxarife das Colônias de Alienados. Em decorrência do novo posto ocupado pelo pai, a família mudou-se para a ilha do Governador, onde se localizavam os hospícios. Foi o primeiro contato com a loucura e com os loucos, tanto para Lima Barreto como para seu pai, que já ali começou a apresentar os primeiros sinais de demência. Ainda que estivesse interno no Liceu, a ilha foi para o menino ao mesmo tempo paraíso e inferno, em face da natureza bela, quase intocada, e da assustadora presença dos doentes dos asilos.

Depois de frequentar os preparatórios Paula Freitas e o Ginásio Nacional – nome dado pela República nascente ao Imperial Colégio Pedro II –, Lima Barreto ingressou, em 1897, na Escola Politécnica do largo do São Francisco, no Centro do Rio, e iniciou o curso de engenharia civil. Foi o momento em que travou contato com o positivismo, para logo com ele se incompatibilizar, identificando-o como suporte filosófico do regime republicano que tanto execrava. Durante o período em que frequentou a Politécnica, escreveu para o jornal estudantil *A Lanterna*, destinado a tratar dos temas de interesse dos estudantes dos cursos superiores do Rio de Janeiro. Mesmo sob a sombra de um pseudônimo, seus artigos, logo identificados, agradaram ao público. Foi esta, para Lima Barreto, a época em que descobriu a cidade: frequentou cafés, teatros, reuniões políticas e a boemia carioca.

Sendo estudante pobre, mulato e com dificuldades no relacionamento com professores e colegas, a atmosfera estudantil e as exigências do curso de engenharia não combinavam com sua personalidade. Por outro lado, é certo que dedicava mais tempo à leitura de

tratados filosóficos e romances do que propriamente aos manuais de topografia e cálculo.

Em 1903, seu pai se afastou da função que exercia nas Colônias de Alienados, após uma série de crises de alucinação e pânico que acabaram por tornar o afastamento definitivo, com a aposentadoria. Diante desse fato, a família foi obrigada a deixar a ilha do Governador e estabelecer residência no Engenho Novo, subúrbio do Rio de Janeiro. Empurrado por esse problema familiar, Lima Barreto abandonou de vez a Politécnica, tanto mais que uma sucessiva série de reprovações na disciplina de mecânica racional impedia-o de progredir no curso. Com a engenharia fora de sua vida, tentou dedicar-se ao jornalismo. Mas os proventos não lhe bastavam, dado que, após a loucura do pai, foi obrigado a prover o sustento da família. Assim, ainda em 1903 ingressou por concurso público na Secretaria da Guerra, para desempenhar a modesta função de amanuense e dar solução à situação em que vivia com a família.

Nesse ano, a cidade iniciou o processo de modernização, sob o comando do prefeito Pereira Passos. No contexto de transformação, que se traduzia pela abertura de avenidas e a construção de jardins e palácios, ao estilo parisiense, a vida mundana, os teatros, a boemia, os saraus passaram a atrair cada vez maior número de pessoas, indicando uma mudança de hábitos do carioca, no sentido do florescimento de uma cultura eminentemente urbana. Lima Barreto, frequentador assíduo dos cafés, iniciou seus contatos com o meio intelectual dos pequenos literatos, tornando-se ele próprio, em pouco tempo, um de seus maiores expoentes.

Em 1905, ocorreu sua estréia na grande imprensa com a série de reportagens publicadas no *Correio da Manhã*, intitulada *Subterrâneos do morro do Castelo*, na qual explorou o mistério e a possibilidade de haver naquele morro túneis e galerias onde os jesuítas teriam escondido documentos secretos e suntuosos tesouros. As reportagens fizeram relativo sucesso, mas não a ponto tornar o escritor conhecido do grande público. Ainda em 1905, numa rápida passagem pela revista *Fon-Fon*, publicou artigos sobre literatura brasileira e estrangeira.

Dois anos depois, fundou a revista *Floreal*, suplemento literário que tinha como redatores,

além dele próprio, Alcides Maia, Ribeiro Filho, Noronha Santos, Curvelo de Mendonça e Fábio Luz. A revista, apesar de ter desaparecido em 1908, com apenas quatro números publicados, chamou a atenção de José Veríssimo, então figura de grande prestígio intelectual, que a elogiou em artigo no *Jornal do Comércio*. Na *Floreal*, além da crítica literária, que procurava expressar posição em face das novas estéticas surgidas em decorrência da agonia do simbolismo, havia artigos de cunho político, que davam voz aos movimentos socialista e operário.

O Rio de Janeiro do início do século XX, a capital federal, centro administrativo, político e econômico, era também o espaço em que muitos conflitos encontravam eco. Circulava na cidade uma grande quantidade de jornais e revistas, de todas as orientações políticas e estéticas, sendo que relações de poder e interesse eram quase sempre levados em conta diante da estréia de uma obra ou de um novo autor. Não era um meio acolhedor para um funcionário subalterno, mulato, morador do subúrbio, aspirante a literato, sem indicações ou pistolões de que se pudesse valer. Nesse meio, somente os já consagrados tinham oportunidades.

Em dezembro de 1909, Lima Barreto publicou seu primeiro romance, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, editado em Portugal graças à intervenção do amigo João Pereira Barreto. Pretendia ele, com o romance de estreia, causar escândalo no meio literário. Tendo por pano de fundo a redação de um jornal, o livro contava a história de um rapaz inteligente, honesto, porém mulato, que vinha para o Rio de Janeiro em busca de sucesso, além de conter uma sátira direta às principais figuras do jornalismo da época, que apareciam em situações vexatórias e constrangedoras. Todavia, o que poderia ser a força do romance tornou-se seu ponto fraco. Tomado como um *roman à clef*, cheio de mágoa e ofensivo, o livro foi praticamente ignorado. Os poucos que lhe escreveram notas foram unânimes na crítica, como Alcides Maia, que em resenha no *Diário de Notícias* o classificou como “álbum de fotografias que dá a penosa impressão de um desabafo, mais próprio das seções livres do que do prelo literário”.

Por ter ocorrido em meio à campanha para as eleições presidenciais de 1910, na qual se

debatiam Rui Barbosa e o marechal Hermes da Fonseca, é possível que a estreia de Lima Barreto tenha sido ofuscada pela agitada disputa política. Ainda assim, o insucesso do romance não o desanimou de todo. Entre 1910 e 1911, publicou na imprensa aqueles que foram considerados seus melhores contos: *O homem que sabia javanês* e *A nova Califórnia*. Exemplos de crítica social exacerbada, repleta de ironia panfletária, os dois contos denunciavam os falsos valores das elites política e intelectual, sua torpeza e sua ingenuidade cínica, quando se tratava de abrir mão de convicções em nome de interesses puramente pessoais.

Ainda em 1911, Lima Barreto deu início à publicação no *Jornal do Comércio*, em forma de folhetim, da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*. A história do patriota desajustado e solitário, que leva seu amor à nação às últimas consequências, ampliou ainda mais o significado de sua produção, no horizonte de uma literatura militante na qual se percebe certa dose de ressentimento do escritor, em parte motivado por seu fracasso em termos de reconhecimento e ascensão no mundo das letras.

Foi por essa época, e coincidindo com sua fase mais criativa e fecunda, que Lima Barreto se entregou ao vício do álcool e à vida desregrada. Essa entrega ocorreu justo no momento em que a boemia perdera seu caráter revolucionário, aburguesara-se, tornara-se uma “boemia dourada de salões”, como assegurou Brito Broca no livro *A vida literária no Brasil – 1900*. Eram salões cujas portas não estavam abertas para o escritor, dada sua condição social. Daí que, deixando os cafés, tornar-se-ia “um frequentador de botequins, embriagando-se todos os dias, esbodegado e sujo, quase um trapo humano”, no dizer de Francisco de Assis Barbosa.

Em 1914, às vésperas de um conflito na Europa, Lima Barreto foi impedido de ingressar na Sociedade dos Homens de Letras, entidade para cuja criação muito trabalhara, ao redigir seus estatutos e presidir algumas de suas sessões preparatórias. Repetia-se, portanto, a memória da circunstância em que fora impedido de ingressar na Academia Brasileira de Letras. A casa, em 1911, sequer lhe aceitara a candidatura, e o próprio escritor viria a reconhecê-lo, em carta enviada a Monteiro Lobato e hoje recolhida na sua correspondência:

“sei bem que não dou para a Academia e a reputação de minha vida urbana não se coaduna com a sua respeitabilidade”.

O meio literário que lhe fechou as portas, obrigando-o a permanecer na repartição pública que detestava e que, por uma questão de sobrevivência, não podia abandonar, a doença mental do pai, a atmosfera política, o preconceito de que se julgava vítima, a timidez extrema, tudo em seu entorno o empurrava para um alcoolismo de bebedor solitário. Os contemporâneos de Lima Barreto costumavam vê-lo caminhando pelas ruas da cidade, às vezes em lugares inusitados. É que quando embriagado, lançava-se a percorrer enormes distâncias: ia a pé da Central do Brasil ao Méier, da Gamboa a Laranjeiras, do largo de São Francisco à Aldeia Campista, sem que nunca ele mesmo soubesse dizer do por que dessas deambulações. Era comum que, sem conseguir chegar ao destino de sua peregrinação, se deixasse dormir na rua, para, ao acordar, dirigir-se à Secretaria da Guerra no estado em que se encontrava.

Em agosto de 1914, depois de uma série de crises de alucinação e pânico, semelhante à que o pai tivera, Lima Barreto foi recolhido ao Hospício Nacional de Alienados e lá permaneceu até outubro. O documento de internação diagnosticou neurastenia e assegurou que o surto de insanidade se devia ao consumo excessivo de bebida alcoólica, conforme se vê de seu prontuário, que faz parte do apêndice da biografia escrita por Francisco de Assis Barbosa. É uma hipótese que se deve somar ao convívio, desde a infância, com a demência do pai. É de se notar que, na sua obra, além do já mencionado hiperdimensionamento do eu do escritor, e da crítica social militante, há um grande número de personagens que experimentaram algum tipo de loucura, reflexo não só daquela convivência, como também resultado da difusão de conhecimentos da psicologia clínica, que desde o final do século XIX deu aos escritores elementos para a composição de seus personagens.

Em 1915, Lima Barreto começou a publicação de *Numa e a ninfa*, no jornal *A Noite*, também em forma de folhetim. Ainda em 1915, voltou a escrever artigos e contos para a imprensa, sobretudo para os jornais *A Noite*, *Gazeta de Notícias* e *Correio da Noite*, além de crônicas de cunho social e político, nos quais se mostrava simpatizante do maximalismo

e onde passeavam caricaturas ridículas de políticos e intelectuais da época. Muitos desses artigos, Lima Barreto assinou como se fossem trabalhos de seus personagens: Gonzaga de Sá, Isaías Caminha (este, sobretudo, assinava os artigos do escritor no jornal *Voz do Trabalhador*, periódico de inclinação anarquista), Vicente Mascarenhas, entre outros. Foi nesse ano que começou, também, a colaboração esparsa na revista *Careta*.

Em 1916, surgiu em volume *Triste fim de Policarpo Quaresma*, obra que já viera a público em fascículos no *Jornal do Comércio*. O aparecimento do volume deu-se em edição modesta, porquanto custeada pelo escritor, e trouxe a reedição dos contos *O homem que sabia japonês* e *Nova Califórnia*. Ao contrário do romance de estreia, *Policarpo* mereceu diversos artigos e resenhas, sendo que os mais entusiastas chegaram a considerar que Lima Barreto houvera superado a Machado de Assis. Até mesmo os críticos que apontaram para a falta de estilo e para os desvios gramaticais do autor tiveram de se curvar ante a força narrativa do romance.

No ano seguinte, veio a público a segunda edição do livro *Recordações do escrivo Isaías Caminha*, em publicação custeada pelo autor. A chegada do livro reabriu antigos conflitos que o autor mantinha com a grande imprensa, sobretudo com o *Correio da Manhã*, para muitos o órgão que serviu de inspiração para o romance. Ainda em 1917, foi publicado em volume *Numa e a ninfa*.

É bem verdade que se respirava no país uma nova atmosfera desde o fim do governo Hermes da Fonseca e o início da presidência de Venceslau Brás, o qual conseguira pôr fim ao conflito federativo em curso desde a eleição anterior, e ao processo de militarização das instituições de seu antecessor. Tal ambiente era tanto mais ameno para o próprio Lima Barreto, que chegou muitas vezes a demonstrar sua irreduzível aversão ao meio militar.

No final de 1918, ano em que a cidade do Rio de Janeiro foi castigada pela chegada da gripe espanhola, Lima Barreto aposentou-se do cargo que exercia na Secretaria da Guerra, fato de grande repercussão na vida pessoal do autor e em sua obra. O fim da vida funcional, os irmãos empregados a ajudar no sustento da casa e nos cuidados do pai doente, tudo o fez experimentar um sentimento de liberdade até então desconhecido. Ainda nesse mesmo ano,

mudou-se para o subúrbio carioca de Todos os Santos, local em que viveria até o fim da vida.

Foi o momento em que cresceu a produção de artigos de cunho político, sua aproximação da imprensa libertária e dos movimentos sociais e operários. Por outro lado, Lima Barreto também não deixou de firmar sua posição no campo intelectual. Assim, sucediam-se na imprensa artigos de protesto, nos quais, por exemplo, o escritor apoiava a greve geral, e artigos sobre seu programa estético e sua concepção do fazer literário: o escritor combatia a literatura contemplativa, que julgava ser produto de autores inócuos, que apenas cultuavam a bela escrita. Para ele, a literatura, acima de tudo, tinha que ser a sincera expressão da sociedade na qual era produzida e “dizer aquilo que os fatos não diziam”, conforme o próprio autor sempre gostava de afirmar, parafraseando Taine. Esse ideal de literatura como missão, em muitos aspectos, o aproximava da fase inicial do movimento modernista.

Em 1919, Lima Barreto publicou *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, através da editora Revista Brasileira, de propriedade de Monteiro Lobato. O livro foi igualmente lançado durante o início da campanha eleitoral, na qual Rui Barbosa e Epitácio Pessoa disputavam a presidência da República. Bem recebida pela crítica, a obra mereceu elogios de João Ribeiro e Tristão de Ataíde, entre outros, o que foi considerado suficiente para que Lima Barreto fizesse nova investida para ingressar na Academia Brasileira de Letras. Pretendeu ocupar a cadeira 20, que fora de Emílio de Meneses, o poeta boêmio, famoso não só pela vida desregrada como também pelo grande número de sátiras que fez das principais figuras da literatura nacional do início do século XX. A candidatura de Lima Barreto foi aceita, mas foi derrotada na disputa com os nomes de Eduardo Ramos e Humberto de Campos, este último eleito em segundo escrutínio. A derrota feriu-o mortalmente – mais um episódio para acumular no seu repertório de fracassos, na sua sempre malsucedida luta por reconhecimento. Ainda ao longo do ano de 1919, iniciou-se no tema do folclore urbano, com uma série de estudos para a revista *Hoje*.

No final desse ano, teve início a troca de correspondência entre Lima Barreto e as principais figuras do modernismo em São Paulo. O grupo, do qual faziam parte Mário de

Andrade e Di Cavalcanti, passou nutrir grande admiração por ele e mais ainda pelo *Triste fim de Policarpo Quaresma*, que foi considerado obra em certo sentido precursora daquilo que os modernistas viriam a defender como programa estético para a literatura brasileira.

No ano seguinte, Lima Barreto foi acometido por outro surto de loucura, que o levou novamente ao Hospital Nacional de Alienados, onde permaneceu por dois meses. Ao deixar o manicômio, voltou à imprensa e aos artigos, nos quais abordava as questões do tempo, sempre com veia de protesto: condenava o futebol, por ser um estrangeirismo; os arranha-céus e os projetos de reforma urbana; a transferência da capital para o interior do país; o feminismo.

Em 1920, Lima Barreto publicou *Histórias e sonhos*, um repertório de contos que fora publicado na imprensa nos últimos anos. Ao longo do ano, executou a árdua tarefa de reunir parte de sua enorme produção na imprensa, para que viesse a ser lançada em forma de coletânea. No final de 1920 estavam prontos o volume intitulado *Margiália* e o romance *Cemitério dos vivos* – cujo conteúdo é autobiográfico e tem passagens ambientadas num hospício – e, no início de 1921, a antologia *Bagatelas*.

Ainda nesse último ano, Lima Barreto voltou tentar o ingresso na Academia, na vaga decorrente do falecimento de João do Rio. Motivado pelo prêmio que recebera da casa – a menção honrosa pela obra *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* – o escritor lançou-se em campanha, mas, em seguida, sem dar explicações, retirou a candidatura.

O ano de 1922 começou, para os brasileiros, cheio de promessas e expectativas. Afinal, foi ano de eleições presidenciais, do Centenário da Independência e da Exposição Universal, dos movimentos sociais de trabalhadores, que cresciam de intensidade e em força reivindicatória, culminando com a fundação do Partido Comunista, de insatisfação militar, de queda nos preços do café no mercado externo. Para Lima Barreto, o ano começou com a publicação do primeiro capítulo de *Clara dos Anjos*, na revista *Mundo Literário*. Quanto às celebrações que havia na cidade, não passaram em branco pelo escritor: em cada uma viu o ridículo, o exagero e o descompasso, fundos irremediáveis de nossa personalidade nacional – sempre resultado da tentativa de imitar a grandeza alheia. Lamentou a eleição de Artur

Bernardes para a presidência, ao mesmo tempo em que voltou a criticar a eleição a “bico de pena”, a fraude e o sistema representativo brasileiro.

Lima Barreto faleceu em 3 de novembro de 1922, vítima de insuficiência cardíaca.

Postumamente foram publicadas as seguintes obras: os romances *Clara dos Anjos* (1948) e *Cemitério dos vivos* (1956); as sátiras *Aventuras do Dr. Bogóloff* (s.d.) e *Os bruzundangas* (1922); as coletâneas de artigos e crônicas *Feiras e mafuás* (1953); *Marginália* (1953) e *Vida urbana* (1956), e as memórias *Diário íntimo* (1953). As obras de Lima Barreto, principalmente *Triste fim de Policarpo Quaresma*, foram traduzidas para vários idiomas, destacando-se o tcheco, o japonês e o húngaro.

Eduardo Junqueira

FONTES: BARBOSA, F. *Vida*; BROCA, B. *Vida*; FIGUEIREDO, C. *Lima Barreto*; NEEDLELL, J. *Belle*; STEGAGNO-PICCHIO, L. *História*.